

Ambiente rizomático e/ou simplesmente meio?-Por uma compreensão da comunidade virtual Orkut no projeto de uma ciberdemocracia ¹.

*Wilson Oliveira da Silva Filho**

Afinal para que serve uma comunidade?

Apenas para que não nasçamos e morramos solitários?

Maurice Blanchot

Palavras-chave: Rizoma, Meios, Comunidades virtuais, Comunidade, sociabilidade.

Resumo

Ao analisar a partir de uma breve relação entre o conceito de Rizoma de Gilles Deleuze e Félix Guattari e o pensamento de Marshall McLuhan sobre os meios como extensões e criadores de um novo ambiente pretende-se com esse artigo discutir um pouco mais sobre a comunidade virtual Orkut que movimentava uma legião de internautas. Na esteira do pensamento sobre os blogs, o Orkut surgiria como só mais uma novidade ou estabeleceria novas possibilidades de ler o ativismo na rede e a própria noção de comunidade? Essa questão sintetiza a idéia dessas linhas pensando que uma ‘ciberutopia’ pode surgir das comunidades virtuais.

INTRODUÇÃO

As novas relações que despertam uma outra forma de compreender a questão da subjetividade no contemporâneo parecem ter ganhado novos e cruciais contornos com as comunidades virtuais e com os blogs. Resistência, luta e sociabilidade são palavras que andam lado a lado com mobilidade e deslocamento. Um novo léxico parece estar sendo constituído não só na maneira como se comunicam, mas no próprio pensamento sobre as novas mídias. Evidentemente tais características ou dispositivos podem e devem ser pensados para além de sua finalidade, que em última análise seria a de comunicar, a de tornar comum entre os usuários as informações no meio trocadas. Esse trabalho pretende através do conceito de Rizoma de Gilles Deleuze e Félix Guattari e da concepção de Herbert Marshall McLuhan sobre o conceito de meio

¹ Trabalho apresentado ao GT18 – Internet e Sociedade da Informação, Octavio Islas, octavio.islas@itesm.mx

* Jornalista, Mestre em Comunicação e Cultura Escola de comunicação ECO-UFRJ, Organizador de ‘Copas do mundo de 1930 a 2002’, Editora Rio, 2002. Especialista em Filosofia Contemporânea. Professor da UNESA

como mensagem, compreender um pouco mais sobre o fenômeno da internet chamado ORKUT (www.orkut.com).

O que interessa nessas linhas é enxergar que essa comunidade virtual pode criar uma nova forma de sociabilidade. Pensar as comunidades virtuais que, ao lado dos blogs, despontam como novas formas de se entender uma constituição de singularidades na multidão que emerge no ciberespaço pode nos auxiliar a compreender uma série de questões sobre a constituição da rede mundial de computadores. O entendimento dessas questões nos convida a observar uma nova forma de habitar a rede, uma outra maneira de se pensar não somente o conceito de comunidade retomado nos estudos de comunicação, mas como uma característica de um meio deixa marcas na sua constituição.

A comunicação comunitária lida por um meio como a internet, através de uma comunidade virtual, reedita uma questão nos dias de hoje sobre um pensamento que a sociedade da informação não consegue mais dar conta. O pensamento de pequenos grupos que em comunidades dentro de comunidades trocam experiências e criam vínculos. Grupos que ganham força e indicam assim uma nova forma possível de organização em um ambiente onde a democracia é colocada em discussão.

Antes de entrar propriamente no cerne da proposta definir as balizas do próprio conceito de comunidade, relacionando-o com a questão das comunidades no ambiente virtual parece-nos fundamental. Assim as contribuições de Zygmunt Bauman, Giorgio Agamben e Jaques Derrida são essenciais para o percurso a seguir e sobre como interrogar o que é pensar o Orkut, para além de sua descrição meramente ‘tecnovirtual’, sobre o que é pensar uma comunidade com os olhos da ambiência virtual.

As teorias de McLuhan e Deleuze são fundamentais para uma análise séria sobre um modo de se conectar que pode ser explorado de inúmeras formas contendo de fato a preocupação de uma outra concepção de democracia. Um modo de se conectar que prima pela integração, pelo vínculo entre sujeitos e que abarca o pensamento sobre as novas tecnologias de uma forma menos catastrófica. Pensar a luz de McLuhan a constatação de que o ‘conteúdo de qualquer meio ou veículo é sempre um outro meio ou veículo’¹², nos leva a pensar na mensagem que corre pela rede através de comunidades virtuais.

Pensar com Deleuze um ambiente rizomático nos convida a entender com mais acurácia a

² Marshall McLuhan. Os meios de comunicação como extensões do homem, São Paulo, Cultrix, p. 22

comunidade virtual em questão.

Da esperança de Pierre Lévy com o universo da cibercultura à constatação de Paulo Vaz²³, considerando que o uso da internet é meramente instrumental, as comunidades virtuais despontam como uma miríade de possibilidades ao mesmo tempo em que muitos não mais navegam, mas naufragam na rede. Esse naufrágio por muitos anunciado pode ter salvação? A criatividade e a resistência podem ainda afirmar que navegar é preciso? Para os que conseguem caminhar nesse mar desconhecido, nesse espaço liso de movimento e resistência, comunidades como o Orkut são uma nova forma de habitar a rede. Dentro da “rede das redes”, a comunidade pode voltar a se constituir. Como fazê-lo, eis talvez o grande desafio dos Orkuts, multiplies e todas as outras comunidades virtuais.

De início pensa-se sobre a constituição da própria noção de comunidade. Após uma breve caracterização do fenômeno traça-se uma outra forma de visualizá-lo. Por fim explora-se a idéia de um novo ambiente virtual criado com as comunidades virtuais.

A comunidade virtual que tomou de assalto os internautas pode assegurar uma nova forma de habitar a rede? O Orkut é um serviço de observação e vigilância? Questões como essas são interessantes, mas parecem deslocar o pensamento de uma democracia que leve em conta as individualidades no pertencimento ao que chamam de comunidades virtuais. O conceito de comunidades virtuais criado por Rheingold e recortado por Henrique Antoun

Considerava as comunidades virtuais capazes de recriar o tradicional sentido de participação e envolvimento das antigas comunidades, constituindo uma revitalização da esfera pública e social e da política democrática através do recém nascido ciberespaço.⁴

Sempre presente a discussão sobre a democracia e a cidadania que emerge com a rede parece realmente ganhar forças com as comunidades virtuais ou estaríamos diante de mais uma vulgarização desses conceitos? Críticas a postura otimista de Rheingold podem ser feitas, mas pensar um outra forma de democracia através das comunidades virtuais constitui uma possibilidade, e a questão é realmente no campo das possibilidades, para o desenvolvimento de outras comunidades como essa. É ao discutir temas como a liberdade e as alternativas para

³ Para mais detalhes ver o trabalho de Paulo Vaz. As esperanças democráticas e a evolução da internet, XIII Compós.

⁴ Henrique Antoun, O poder da comunicação e o jogo das parecerias na cibercultura, XIII Compós, p.3

modelos engessados e conceitos ultrapassados no campo social que fenômenos como o Orkut podem ganhar força. Esse artigo pretende enxergar através de uma breve análise dos conceitos citados uma forma mais poética de se enxergar o Orkut. Uma nova possibilidade de percorrer as vias dessa comunidade com mais cuidado. De um universo lúdico à seriedade de se pensar as comunidades virtuais no sentido de criar novos vínculos entre os indivíduos-em-rede. É diante desse quadro que passa despercebido pela contemporaneidade que uma nova forma de subjetividade se cria, revelando as nuances que a cibercultura proporciona.

A comunidade e a comunicação comunitária, uma breve explicação.

O pensamento sobre o tema comunidade despertado pelo sociólogo Ferdinand Tönnies em sua obra ‘Gemeinschaft und Gesellschaft’ (Comunidade e Sociedade) e analisado atualmente por autores como Zygmunt Bauman e Giorgio Agamben é de suma importância para compreendermos como se processa essa idéia de comunidade no ciberespaço. Bauman em comunidade observa a relação entre entretenimento, a comunidade estética e a questão tecnológica.

A necessidade da comunidade estética gerada pela ocupação com a identidade é o campo preferencial que alimenta a indústria do entretenimento: a amplitude da necessidade explica em boa medida o sucesso impressionante e contínuo dessa indústria. Graças a imensa capacidade advinda da tecnologia eletrônica, podem ser criados espetáculos que oferecem uma oportunidade de participação e um foco compartilhado de atenção a uma multidão indeterminada de espectadores fisicamente remotos. Devido à massividade mesma da audiência e à intensidade de atenção, o indivíduo se acha plena e verdadeiramente “na presença de uma força que é superior a ele e diante da qual ele se curva”⁵

Bauman relaciona os termos que definem a proposta desse texto. Centrado na questão da globalização, o sociólogo discute comunidade pensando a questão da segurança. As comunidades virtuais podem ainda trabalhar nesse sentido dando ênfase a dimensão política que o universo da *world wide web* pode movimentar conduzindo a uma ciberutopia como esta.

Giorgio Agamben em ‘Comunidade que vem’ discute de outra forma o conceito; pensando a questão da comunicação em si, considerando que “o que impede a comunicação é a

⁵ Zygmunt Bauman, Comunidade, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, p.63.

própria comunicabilidade, os homens estão separados por aquilo que os une”⁶. Deleuze que também como crítico da comunicação apontava para o fato de que não sofremos de falta de comunicação, mas com o fato de não termos grande coisa a dizer também parecia tangenciar o pensamento sobre a questão da comunidade. Essa comunicabilidade ou falta do que dizer pode ser justamente a marca enunciativa das comunidades virtuais para uma nova constituição da comunidade. O caráter frívolo das *virtual communities* que chama a atenção de alguns estudiosos da cibercultura pode ser justamente o encanto para se pensar a comunidade. Entretanto, esquecer que por detrás de um fenômeno sem importância o próprio relacionamento de seus usuários pode constituir mais uma máquina de guerra na esteira de muitos blogs e de outras manifestações que extrapolam os muros do universo digital para o campo da ação pode ser o destino manifesto de Orkuts e afins.

Jacques Derrida, outro autor que através de temas como a hospitalidade traça uma assíntota sobre a questão da comunidade, em seu último livro desponta com um interessante pensamento sobre uma outra possível comunidade virtual na internet. Em uma nota coloca

Imaginemos a fundação de um novo Estado num *site* de internet (com ou sem as instâncias clássicas: constituição, voto, assembleia, poderes legislativos, executivos, judiciários independentes, etc.; com ou sem reconhecimento por parte da comunidade internacional, ao cabo de um processo mais ou menos tradicional, etc). O que distinguiria então esse estado? O fato de seus sujeitos-concidadãos jamais terem se visto ou se encontrado?⁷

Não somente em termos de uma mudança em relação aos veículos existentes ou de reformulação por mais profunda que essa deva ser, mas, sobretudo no que tange a uma nova concepção de fazer comunicação, vínculo entre os sujeitos, deve ficar o pensamento comunitário para se entender o movimento proposto pelo autor francês. A noção de comunidade deve ser mais que uma definição, mas ser aplicável a essa proposta feita por Derrida. Para terminar a sugestão coloca o filósofo da desconstrução

Um estado virtual cujo lugar fosse um site da internet, um Estado sem solo, seria –eis a questão que nos orienta – um Estado intelectual? Um Estado cujos

⁶ Giorgio Agamben, *Comunidade que vem*, Presença, Lisboa

⁷ Jacques Derrida, *Papel máquina*, São Paulo, Estação liberdade. p. 214

cidadãos fossem essencialmente intelectuais, intelectuais *enquanto* cidadãos? Uma questão de ficção científica? Não acredito de modo algum⁸.

Pensar que as comunidades virtuais podem constituir esse Estado pensado por Derrida coloca um novo desafio no pensamento sobre comunidade. Por relacionar-se ao território, o pensamento de comunidade defendido por Tönnies, significando “dividir o mesmo espaço físico”⁹, ou o entendimento compartilhado por todos os seu membros¹⁰ ganha novos contornos no ciberespaço. As fronteiras entre o físico e o virtual se liquefazem nos dias de hoje dando margens a infinitas possibilidades de ação para além da marca do estado.

O Orkut, outra breve explicação.

Criado pelo engenheiro Orkut Buyukkokten, o Orkut é uma comunidade virtual que cresce em ritmo vertiginoso. A comunidade pertence ao site de busca *google* e em sua página de estatísticas pode-se encontrar dados sobre esse crescimento. O site ainda possibilita aos estudiosos do universo da cibercultura uma grande ferramenta de pesquisa como podemos perceber em toda a movimentação que existe nas comunidades dentro da comunidade. Pensarmos uma rede que se estabelece dentro da rede já apontaria para o que se pretende aqui ao pensarmos o conceito de Deleuze e Guattari de rizoma. Mas nesse momento fiquemos com uma descrição mais analítica do fenômeno para melhor compreensão dessa proposta.

Essa apresentação serve também para apontar a necessidade que comunidades virtuais como essa tem de discutir sobre sua própria função. Um mecanismo de controle, de vigilância, mas também um espaço livre, de vanguarda e crítico de si. A idéia de um grupo de comunidades dentro de uma comunidade virtual aponta para o que se tenta pensar nesse trabalho. Ser uma rede dentro da rede indica uma reconfiguração da cibercultura? Essa questão pode indicar uma nova forma de enxergar a cartografia da web? Questões que despontam como decisivas e que precisam ter respostas na própria rede. Na própria forma de se pensar a rede sem uma questão que remete o pensamento ainda a comunicação de massa.

Os rótulos criados por Umberto Eco, apocalípticos e integrados, não precisam mais ser

⁸ *Id. Ibid*, p.215

⁹ Raquel Paiva, *O espírito comum*, Rio de Janeiro, Mauad, p 95

¹⁰ Zygmunt Bauman, *Comunidade*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, p.15.

regra para análise de fenômenos no ambiente virtual. É preciso sim propor, compreender, criar a partir de um universo que se desenha ao menos com a esperança de ainda se pensar conceitos que a política não consegue mais dar conta como a democracia. Talvez seja preciso acreditar nos traços relacionais que apontam Deleuze e Guattari como “o amigo”, mas um amigo que só tem relação com seu amigo através de uma coisa amada portadora de rivalidade’¹¹. Dentro de uma comunidade como o Orkut esse conceito parece indicar como uma ciberdemocracia pode emergir de uma comunidade virtual. O ciberespaço é o lugar onde a rivalidade não é tida como o negativo, mas sim como produtora de rupturas e tensões nas multiplicidades. Refletir sobre isso através de uma comunidade virtual como o orkut sedimenta o dilúvio que Pierre Lévy descreve em seu livro ‘Cibercultura’. Mais vai além de uma enxurrada informacional, ultrapassando a barreira das singularidades, e criando laços entre os indivíduos.

UM RIZOMA...

A idéia de livro como livro raiz, a lei “um que se torna dois”, a árvore que Deleuze e Guattari colocam em Mil platôs, poderiam ser constituintes de uma definição sobre o Orkut, ou, todas as histórias, relações, envolvimento, agenciamentos que lá ocorrem apontam pra uma visão rizomática? Colocam Deleuze e Guattari.

O que está em questão no rizoma é uma relação com a sexualidade, mas também com o animal, com o vegetal, com o mundo, com a política, com o livro, com as coisas da natureza e do artifício, relação totalmente diferente da relação arborescente: todo tipo de devires¹²

As relações apontadas para o rizoma ganham reflexos no pensamento sobre a rede, especificamente ao pensarmos o Orkut. A relação arborescente encontra-se lá montada através de uma conexão em teia com aqueles que fazem parte do seu universo de contatos. Ali também estão todas as características apontadas por Deleuze e Guattari nesse pequeno trecho sobre o que está em questão em um rizoma. Talvez o Orkut esteja na contramão do que pensa François Zourabichvili, ao comentar no vocábulo Rizoma sua visão sobre o termo multimídia.

¹¹ Gilles Deleuze e Felix Guattari, O que é a filosofia, São Paulo Editora 34, p.94

¹² Gilles Deleuze e Felix Guattari, Mil Platôs, São Paulo Editora 34, p. 33

Mesmo as aplicações multimídia, de nossos dias, têm dificuldade para instaurar uma navegação transversal, limitando-o mais das vezes ao vaivém entre um sumário e rubricas¹³

Ao comentar a relação entre a rede e o rizoma encontra-se no vocabulário de Deleuze

O rizoma diz ao mesmo tempo: nada de pontos de origem ou de princípio primordial comandando todo o pensamento; portanto nada de avanço significativo que não se faça por bifurcação, encontro imprevisível, reavaliação do conjunto a partir de um ângulo inédito (o que distingue o rizoma de uma simples comunicação em rede – “comunicar” não tem mais o mesmo sentido)¹⁴

Essas características apontadas pelo pensador que deseja compreender a literalidade dos termos de Gilles Deleuze são características da comunidade virtual aqui estudada. Pensar uma constituição rizomática do Orkut é pensar na bifurcação e no ineditismo dos encontros que a comunidade proporciona. Se o rizoma não pode ser aplicado como propõe Zourabichvili sobre as instalações multimídia, através da própria descrição do autor podemos pensar as comunidades virtuais como rizomáticas. Entender o Orkut como aquilo que “ não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo”¹⁵.

Os princípios que Deleuze e Guattari elencam em *Mil Platôs* sobre o rizoma parecem estar contidos na comunidade. São eles: princípio de conexão e heterogeneidade; princípio de multiplicidade e por último o de ruptura a-significante. Os dois primeiros refletem a idéia de que qualquer ponto se conecta a outro e são talvez os mais significativos nesse estudo. A multiplicidade aponta para um plano de consistências que os autores classificam como grade. Quanto a esse princípio colocam os autores

Uma multiplicidade não tem nem sujeito nem objeto, mas somente determinações, grandezas, dimensões que não podem crescer sem que se mude de natureza (as leis de combinação crescem com a multiplicidade). Os fios de uma marionete, considerados como rizoma ou multiplicidade, não remetem à vontade suposta uma de um artista ou de um operador, mas à multiplicidade das fibras nervosas que formam por sua vez uma outra marionete seguindo outras dimensões conectadas as primeiras¹⁶.

¹³ François Zourabichvili, *O vocabulário de Deleuze*, Rio de Janeiro, Relume Dumará, p.98.

¹⁴ *Id.*, *Ibid*

¹⁵ Gilles Deleuze e Felix Guattari, *Mil Platôs*, São Paulo Editora 34, p. 37

¹⁶ *Id.*, *ibid*, p.17

A idéia de que o usuário controla os fios de uma marionete marcam a criação e o devir-artista dos internautas conectados ao Orkut. E como o princípio de ruptura a-significante indica que o rizoma pode ser cortado ou rompido em qualquer lugar e posteriormente retomado pois “compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar”¹⁷, comunidades virtuais como essa reforçam a idéia de uma nova forma de sociabilidade no interior de um ambiente rizomático.

As informações abertas na comunidade através dos *scrapbooks* e dos *testimonials* que o usuário pode acessar nos convidam a habitar diversos lugares do infinito rizoma que uma comunidade virtual parece ser, não com o olhar de um voyeur ou atestando a condição de um outro panoptismo, mas simplesmente lendo as histórias, ocupando os lugares e inocentemente constituindo novas relações, estabelecendo comunidade.

... Ou mais uma característica de um meio, de um ambiente.

Na versão americana do filme ‘O Chamado’, a personagem-jornalista vivida por Naomi Watts usa e abusa da pesquisa em um site de busca para encontrar informações sobre o local que pretende investigar. Hoje na comunidade virtual Orkut inúmeras são as comunidades relativas ao filme. Discussões sobre as características de um meio aparecem em outros e no próprio meio retratadas. A idéia de McLuhan do meio como mensagem é explicitamente a referência para compreender que um meio é cercado de características. A crítica de Muniz Sodré a idéia de meio como mensagem é importante para o entendimento também das comunidades virtuais

Quando McLuhan diz que o meio é a mensagem ele quer dizer exatamente isso, que a mensagem, portanto o conteúdo está subsumido ao meio, à forma. O que importa é que esse espraiamento sensorial estético da mídia, espraiando a vida da gente, fazendo que a gente habite, more dentro dessa prótese chamada médium¹⁸

Se na contemporaneidade habitar o ambiente técnico tornou-se condição *sine qua non* dos sujeitos, as profecias de McLuhan precisam ser vistas à luz das novas situações impostas pelos dispositivos tecnológicos que vinculam o homem à máquina. Nessa linhagem o pensamento de autores como Pierre Lévy, Paul Levinson, Derrick de Kerchove e Howard Rheingold é decisivo para identificar as idéias de McLuhan. não a toa muitos desses autores se debruçam sobre

¹⁷ *Id., ibid*, p.18

¹⁸ Muniz Sodré, A televisão é uma forma de vida *In* Revista famecos Dez 2001, p. 21

questões da cibercultura.

Ao morar no meio ou ao pertencer a uma comunidade virtual estamos realmente, como aponta Jonathan Miller, no âmbito de uma linguagem que “permite que os homens fixem e perpetuem experiências individuais sob a forma de fragmentos suscetíveis de transmissão”¹⁹. Evidentemente estamos sob um aparato que possui características próprias e que conserva características de um outro meio, mas a mensagem se renova, se transforma; e é nessa mensagem que se faz nas comunidades virtuais que podemos nos debruçar nesse breve estudo. Estar aberto a uma nova forma de experiência, a um acontecimento ou simplesmente habitar através de um ponto vários pontos de vista. O próprio McLuhan adverte ao explicar que “os meios são agentes “produtores de acontecimentos” ,mas não agentes “produtores de consciência”²⁰. Os acontecimentos fazem um elo interessante ao pensarmos ma autores que demarcam nossa discussão. Deleuze e McLuhan são decisivos para o entendimento das comunidades virtuais não por terem renunciado a criação da internet como clamam muitos, mas por entenderem que o acontecimento não é só marca de uma nova subjetividade, mas constituição dela.

Deve-se ficar claro que o próprio conceito de meio para McLuhan é muito amplo como apresenta Vinicius Andrade Pereira²¹ , para somente assim compreender que a máxima ‘o meio é a mensagem’ pode ser vista com olhos que se relacionam ao rizoma. Com olhos múltiplos podemos pensar como esse meio que agora possui essa forma de constituir comunidade. A simples característica de um meio faz-nos, ou ao menos nos convida, a repensar todo um meio.

Ao criar e explorar conceitos em tom aforismático McLuhan estabelece um outro olhar sobre a técnica. Ao introduzir os meios de comunicação nessa análise, McLuhan reinventa o homem, estende o homem. Mas ao mesmo tempo McLuhan insere uma dimensão de integração entre os homens a partir da técnica. O que é preciso salientar nesse ponto é que a análise de McLuhan aprofunda e traz para o universo da comunicação uma questão mais densa sobre o tema. Começar a discutir a questão da técnica em McLuhan com esses olhos aponta para a entrada em cena daquilo que McLuhan chamou de treinar a percepção e o julgamento. Tais atributos podem indicar o entendimento de toda a questão sensória que Marshall McLuhan vai se debruçar e que parece ser linha condutora das comunidades virtuais.

¹⁹ Jonathan Miller. As idéias de McLuhan, São Paulo, Cultrix, p. 92

²⁰ Marshall McLuhan. Os meios de comunicação como extensões do homem, São Paulo, Cultrix, p.67

²¹ Ver o trabalho de Vinicius Andrade Pereira, As tecnologias de comunicação como *gramáticas: meio, conteúdo e mensagem*, XXVII Intercom, 2004.”

Evidentemente estamos sob um aparato que possui características próprias e que conserva características de um outro meio e das comunidades clássicas, mas parecemos ter mudado a forma de habitar esse meio. Estar aberto a uma nova forma de experiência, a um acontecimento ou simplesmente habitar através de um ponto vários pontos de vista concede ao participante de uma comunidade virtual a possibilidade de criar um novo ser, de se tornar um prolongamento de um ambiente.

Um modo de se conectar que prima pela integração como nas comunidades virtuais, pelo vínculo entre sujeitos e que abarca o pensamento sobre as novas tecnologias de uma forma menos catastrófica nos ajuda a pensar a luz de McLuhan a constatação de que o ‘conteúdo de qualquer meio ou veículo é sempre um outro meio ou veículo’. Nesse novo veículo o homem emerge do ambiente virtual para fora da tela em encontros pautados pelo reencontro na virtualidade se conectar com o real.

Enfim, tentamos através de uma breve análise das comunidades virtuais pensar um ambiente onde o homem parece de fato derivar do meio. Nas comunidades virtuais ou na tela do cinema a idéia do homem como extensão do *medium* faz McLuhan ser um autor que compreendeu os desafios que as novas tecnologias trazem até hoje aos homens. Como pensou McLuhan a tecnologia remodela e reestrutura padrões na ordem do social e do pessoal. Sendo obrigado a se remodelar em função dos meios, pois como observava McLuhan tudo parecia estar mudando com a entrada em cena da tecnologia no seio da sociedade. Da dimensão técnica como fator decisivo para compreender a história do homem. Para compreender as transformações sociais e culturais para McLuhan é necessário entender o funcionamento do meio, da tecnologia. Se tentarmos entender com ferramentas de ontem as tarefas de hoje a discussão sobre a técnica continuaria sendo vista de forma engessada, então através da dimensão técnica analisar o ORKUT é também dar voz a materialidade que cerca o meio.

Pensar no devir técnico do mundo como propõe Ieda Tucherman a partir das tecnociências ou de uma antropotécnica como concebe Peter Sloterdijk são formas de conceber um olhar mais centrado sobre a técnica, sem enveredarmos para um determinismo tecnológico que marca infundáveis discussões sobre a obra de McLuhan.

A preocupação central ao pensarmos nas comunidades virtuais é com a criação de um novo ser humano, na aurora do que Nietzsche pensou como além do homem. Sloterdijk aponta para uma “consciência quanto à produção de seres humanos e de maneira mais ampla, de

antropotécnicas –isto são processos dos quais o pensamento atual não pode desviar os olhos”²².

Para além dos meios os desafios de olhar para uma nova manifestação com os olhos ciberculturais são suficientes para compreender que a idéia de meio como mensagem precisa e deve ser relida, não com o caráter maniqueísta que as máximas de Marshall McLuhan foram vistas nos anos 70, mas com uma pesquisa em torno dos conceitos propostos por McLuhan e sem a quimera que o universo fantasioso das novas tecnologias insiste em desenhar, sem muito efeito, para o pensamento e para o social que ainda resta na comunicação. Mais que uma característica de um meio, as comunidades virtuais apontam para uma outra dimensão de como pensar a rede mundial de computadores. O ambiente virtual reconfigura a discussão sobre os meios de comunicação na contemporaneidade. A profusão das mídias e a possibilidade de deslocamento graças às novas tecnologias que permitem conexão sem fios as redes pensadas junto às comunidades virtuais pode possibilitar uma nova forma de se habitar esse meio. No orkut os chamados ‘orkontros’ indicam essa característica. O encontro mediado pelo Orkut traz a comunidade virtual para o espaço físico da comunidade.

CONCLUSÃO

Uma mistura de posições, um pensamento não arborescente como demarcam Deleuze e Guattari. O que foi aqui apresentado aproveita além dessa misturas um outro tipo de combinação. A de diferentes vozes para compreender um movimento de um meio que ainda pode nos apontar alguma direção frente à discussão sobre o contemporâneo, pois é o meio onde ainda alguma liberdade insiste em se manifestar apesar do uso instrumental, apesar do uso feito pelos internautas sob os efeitos da sociedade do espetáculo. Penetrar pelas ruas das comunidades virtuais. Pequenas ruas com muitas histórias para de fato pensar uma ciberdemocracia que não se afaste de um pensamento sobre a democracia; pensar a micropolítica dessa nova rede e a própria forma onde todos podem se conectar a todos nesse ambiente, nesse meio amplamente definido por McLuhan, serve para decalcar um novo território no labirinto, no rizoma. Serve para acreditar em uma nova forma de organização. Utopia, como a própria palavra nos brinda, como aquilo que ainda não teve lugar, como bandeira das comunidades virtuais. Internautas que criam suas comunidades como forma de pensar a comunidade e para que não seja somente um combate a

²² Peter Sloterdijk, *Regras para o parque humano*, São Paulo, Estação Liberdade, 1999, p. 42.

voz solitária. Se a comunidade Orkut e as demais comunidades virtuais são como as Cidades invisíveis de Calvino ou como o Aleph de Borges estamos conectados a várias cidades com suas idiossincrasias à espera de um outro ser que as habite. Sem os ditames do espetáculo que a grande imprensa insiste em nos obrigar a encarar o Orkut, mas com a alegria de estar em vários lugares ao mesmo tempo, em habitar a partir de um ponto todos os pontos.

Pensar os desafios que um meio nos traz para pensar a resistência a partir das comunidades virtuais para que os espaços dentro e fora da rede ainda consigam dialogar com a urgência de uma outra configuração social, de uma outra possibilidade de enxergar não somente a noção de comunidade, mas sua aplicabilidade.

Tentar responder as indagações de Blanchot tendo como ponto de partida as comunidades virtuais aponta para uma reordenação do modo de tratar o mundo virtual. Não mais caindo nas dicotomias, mas tendo no ambiente da *www* uma epifania para a compreensão de que uma comunidade serve para aproximarmos uns dos outros e, efetivamente, nos comunicarmos num lugar que habita todos os lugares desde que todos habitem esse lugar. Para que uma comunidade seja mais que um lugar para espantar as solidões, o tédio ou a angústia do “Nada-a-dizer, Nada-a-fazer, pela indiferença de sua própria existência”²³ e para que, sobretudo uma Comunidade venha a existir, comunidade que

só poderá ser (e precisa sê-lo) uma comunidade tecida em conjunto a partir do compartilhamento e do cuidado mútuo; uma comunidade de interesse e responsabilidade em relação aos direitos iguais de sermos humanos e igual capacidade de agirmos em defesa desses direitos²⁴

Que o orkut e outras comunidades virtuais sejam a expressão no ciberespaço da capacidade que ainda precisamos ter para pensar em direitos iguais. Para que a natureza das comunidades virtuais seja a mesma que emana do conceito de comunidade, onde os vínculos, os laços, o compartilhamento natural e tácito são decisivos; enxergar no Orkut uma possibilidade de efetuação das singularidades é no mínimo não querer morrer solitário, mas mergulhado nas multiplicidades dessas múltiplas cidades virtuais. Nesse múltiplo rizoma que nos conecta novamente sem as hierarquias da comunicação de massa, mas com a liberdade de quem prefere criar a ser criado de quem prefere crer na afirmação dos meios explorando novos ambientes constituindo novas singularidades.

²³ Jean Baudrillard, Telemorfose, Rio de Janeiro, Mauad, p. 22

²⁴ Zygmunt Bauman, Comunidade, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, p.134

Referências Bibliográficas

- AGAMBEN, Giorgio A comunidade que vem, Lisboa, presença. 1993
- ANTOUN, Henrique. O poder da comunicação e o jogo das parcerias na cibercultura, Cd Rom XIII Compós, UMESP, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt, Comunidade, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2003
- BAUDRILLARD, Jean, Telemorfose, Rio de Janeiro, Mauad, 2004.
- DERRIDA, Jacques, Papel-máquina, São Paulo, Estação Liberdade, 2004.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix, Mil Platôs, São Paulo Editora 34, 1995.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix, O que é a filosofia, São Paulo Editora 34, 1992.
- MCLUHAN, Marshall, Os meios de comunicação como extensões do homem, São Paulo, Cultrix, 1964.
- MILLER, Jonathan, As idéias de Mcluhan, São Paulo, Cultrix, 1982.
- PAIVA, Raquel, O espírito comum, Rio de Janeiro, Mauad, 2ªed, 2003.
- PEREIRA, Vinicius Andrade, As tecnologias de comunicação como gramáticas: meio, conteúdo e mensagem, CD Rom XXVII Intercom, Porto Alegre, 2004.
- VAZ, Paulo, As esperanças democráticas e a evolução da internet, CD Rom XIII Compós, UMESP, 2004.
- SLOTERDIJK, Peter Regras para o parque humano, São Paulo, Estação Liberdade, 1999.
- SODRÉ, Muniz, A televisão é uma forma de vida *In* Revista famecos, PUC (RS), 2001.
- ZOURABICHVILI, François. O vocabulário de Deleuze, Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2004.
